



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

O Rato Preguiçoso

(DE UMA HISTÓRIA ANTIGA)

POR GILBERTO FIGUEIRA

AQUELE rato era o que se podia chamar «uma vergonha para a família.» Enquanto seus irmãos e seus pais trabalhavam, aquele rato, que se chamava Dente-fino, só passava o melhor do seu tempo a dormir, ou a comer aquilo que os outros ganhavam. Era um preguiçoso de alto lá com ele!

Ora, certo dia em que seu pai andava em exploração nocturna pela despensa onde tinham construído a casa, um gato de caça, viu-o e «chamou-lhe um figo.» Sua mãe acompanhava-o nessa fatal exploração, e, vendo luzir na escuridão os olhos do gato, desatou a fugir em direcção ao

lutamente sós no mundo. No entanto, todos choravam apenas os pais e nunca o amparo deles; todos digo mal, porque Dente-fino chorou ambas as coisas.

Que seria dele, agora, sem alguém que o sustentasse? Que tortura, trabalhar!... Mas o Pai-ratão, que tinha sido em vida trabalhador e económico, deixou bens, um tanto ou quanto avultados. Feitas as partilhas pelo tribunal da rataria, couberam ao Dente-fino umas terras de sementeira que ele tratou logo de vender, e para isso fez correr anúncios pelos jornais do reino.

Mas o Mosquitelho-zumbidelho, que era amigo do Pai-ratão, tendo lido a notícia da próxima venda, lamentou a preguiça do Dente-fino, pois sabia que cultivando as terras teria imensos lucros. Que faz ele? Entra em casa do rato preguiçoso, escondeu-se bem, e, quando lá o apanhou, cantou-lhe em voz de falsete:

«O' meu amigo,
não seja tólo,
não venda as terras,
tenha miolo!
Certo segredo
lhe vou contar
e com certeza
que vai gostar:
Nessa courela
há um tesouro
uma panela
cheinha de ouro
Não sei ao certo
o seu lugar
mas, vá cavando
que a há-de achar!...»

Dente-fino procurou por toda a casa quem seria que assim o pre-



venia de tão sublime coisa. Não achou, o que o levou a crer que era obra de fada bemfazeja. Aquela panela, caia-lhe do céu aos trambulhões! Pegando numa enxada para a ir procurar, foi cavar para a sua terra. Zás! Zás! A terra foi cavada, mexida, remexida de ponta a ponta mas a respeito da tal panela, nem sombras!...

Chegou a acreditar que aquela história fôra obra de gracejo, e desanimou. Porém, no dia em que, já completamente desmoralizado, chegou a casa, ouviu outra vez aquela voz de falsete que, desta feita, lhe dizia:

«Bem escondida
está a panela!
Procure-a bem;
dará com ela!
Para melhor
a encontrar,
esse grãozinho,
que aí está,
nêsse saquinho,



buraquinho. Porém, quiz a fatalidade que ela se enganasse e, em lugar de entrar para casa, entrou para o buraco duma ratoeira.

Podem imaginar o que sofreram os ratinhos, órfãos agora, vendo-se abso-

à sua terra
deve lançar!...»

Dente-fino correu a casa com os olhos e viu, realmente, em cima da mesa um saquinho cheio de trigo. Que bem lhe saberia comê-lo! Mas, como a «fada» dissera que aquele trigo o ajudaria, correu ao campo já cavado e espalhou o trigo por toda a sua superfície. Depois, seguindo as instruções da «fada», cavou, novamente, fazendo com que o trigo desaparecesse por sob a terra sem mesmo se aperceber disso. Mais uma vez voltou a casa desmoralizado por nada encontrar e, ainda, mais uma vez, ouviu a voz misteriosa:

«Não desespere
meu bom ratinho!
Terá um dia
seu dinheirinho!
Dou-lhe um conselho:
vá passear
mas só p'ra Maio
deve voltar.
Verá, então,



o seu tesouro,
a sua terra
coberta de ouro!»

Dente-fino resolveu-se a seguir mais uma vez, — (a última) — os conselhos do invisível. Fez a trouxa e partiu, passando fora o inverno e a primavera quase toda.

Quando Maio chegou, ele caminhou em direcção à terra. Subiu a um monte, donde a sua propriedade se avistava e que viu ele?... A sua courela estava completamente coberta de ouro, mas de ouro ondulante, lindo... lindo!... Correu, apressado, para ver mais de perto. Enganara-se! O que julgava ser ouro era trigo, trigo em espigas cheias de bagos, que ondulavam ao sabor do vento, como um mar de ouro fundido! Não era ouro mas que importava? Era o que ouro valia, tinha ali comer certo para muitos meses! E Dente-fino regenerou-se, ao ver que, com pouquíssimo trabalho, tinha ali tão grande recompensa.

Entrou em casa e quando se sentou

à mesa para jantar, ouviu a abençoada voz de falsete, cantar-lhe alegremente:

«Cá tem, amigo,
o seu tesouro:
a sua terra
coberta de ouro!
Faça o que eu digo,
feliz será:
com uma foice
o ceifará;
em sua casa
o guardará.
Depois, mais tarde,
semeará,
e comer certo
sempre terá!»

E assim foi...

Dente-fino ceifou o trigo, guardou-o e foi comendo, deixando um tanto para de novo semear na terra já outra vez cavada. A sua vida modificou-se. Graças ao bom do Mosquitelho-zumbidinho, aquele rato, tão preguiçoso, tornou-se um incansável trabalhador, sendo depois apontado como o trabalhador modelo daqueles rатаis lugares.



A FORMIGA MÁ

POR ZÉ NINGUEM

CERTA vez uma formiga,
Que sem cuidados vivia,
Pois tinha comida à farta
E fazia quanto queria,



Foi procurada por outra,
Vizinha de ao pé da porta,
Que estava já — coitadinha! —
Pela fome quase morta.

Tinha filhos pequeninos
E nada para lhes dar,
Porque uma grande doença
Não a deixava lidar.

Vinha, pois, pedir à rica
Que lhe desse de comer,
E, também, aos seus filhinhos,
Que não qu'ria ver morrer.

— «O quê? — diz a outra, irada. —
Estás boa do juízo?
Ou julgas que eu, por acaso,
Não tenho nada de siso?»



Se tens fome mais teus filhos
Vai arranjar de comer.
Trabalha, linda, trabalha,
E' o que tens a fazer.»

(Continua na página 6)

O FILHO do LENHADOR

Por PEDRO ALVES DE CARVALHO



C AÍ muita neve. Os caminhos e as árvores da floresta pareciam de algodão.

O vento espalhava a neve, fazendo-a saltar para todos os lados, numa chuva de deslumbrante alvura.

Vergado ao peso dum grande feixe de lenha que se ia tornando branco — tanta era a neve que sobre ele caía — um homem capado e os sapatos rotos, deixavam entrar o frio, como janelas sem vidros. A pesar disso, o homem estava contente; assobiava uma risonha canção. Era lenhador e recolhia a casa depois dum dia de trabalho.

De repente, quando passava perto dumas urzes, ouviu um gemido prolongado. Cuidando que fôsse o vento, o lenhador continuou a andar. Mas não. O gemido tornou a repetir-se, mas fracamente.

Sem hesitar, o homem tirou o feixe das costas e pô-lo no chão. Depois, encaminhou-se para as urzes. O que viu ele?... Enrolado em riquíssimo manto de veludo, as mãozinhas e a cara arrocheadas pelo frio, estava um rapazinho dum ano, se tanto! Em volta do seu pescoço, brilhava um fio de ouro.

Era tão linda a criança que o bondoso lenhador não hesitou... Pegou nela com carinhos de mãe e embrulhou-a ainda mais na sua jaqueta esburacada.

Em seguida, colocou, outra vez, o feixe às costas e pôs-se a caminho.

Uma luzinha brilhou na escuridão. Era a cabana do lenhador. Momentos depois, ao calor dum bom lume, a criança e o seu salvador aqueciam-se. A mulher dêste, linda como os anjos do céu, preparava a sopa que o iria reconfortar.

— «Mas que lindo menino!... (disse ela). Onde o encontraste?»

— «Na floresta, minha querida. Estava a morrer de frio e de fome. Somos pobres mas o nosso pão há-de chegar para êle.»

Desde essa noite, o menino ficou na cabana.

Passaram-se anos. Paulo — foi êste o nome que puzeram ao pequeno, achado na floresta. — é agora um belo rapaz, forte e de cabelos louros. É êle quem trabalha para o lenhador e sua mulher, já velhinhos, a quem trata como pais, a pesar d'êstes lhes terem contado a maneira como o encontraram.



Paulo é valente. Por mais duma vez, salvou a vida às bondosas criaturas a quem deve a sua, matando os ferozes lobos que, nas noites de inverno, rondavam a cabana.

Quando os uivos eram mais fortes e os olhos dos lobos brilhavam mais, Paulo, empunhando um archote inflamado, afugentava os animais ruins que aprendiam, assim, a não se apropriar do alheio.

Em um domingo... Paulo e os velhinhos conversavam amigavelmente à porta da cabana, quando uma trompa de caça se fez ouvir, acordando a solidão adormecida e espantando veados e passarinhos.

Não tardou que luzida cavalcada surgisse à vista dos três. Cavalos vistosamente engalanados, cobertos de xaires de veludo escarlate, gualdrapas de seda, arreios de couro brilhante, trotavam...

Eram montados por fidalgos, ricamente vestidos com tudo que há de melhor.

Paulo e os velhinhos, que se haviam levantado dos bancos, esperaram que o cortejo se aproximasse.

Um cavalo destacou-se, e o fidalgo, que o montava, falou a Paulo.

— «Dize-me, meu rapaz!... Não é esta a casa do lenhador João?»

— «É sim, meu senhor, (respondeu êle, pois João era o velhinho.)

Os olhos do fidalgo brilharam de satisfação e saltou do cavalo. Olhou muito para Paulo e disse:

— «Quero falar a teus pais!»

Enquanto o fidalgo conversava com os velhinhos, Paulo sem ligar importância ao luzido cortejo, olhava o azul do céu, lindo e brilhante.

Os velhinhos choravam. O fidalgo sossegava-os com palavras amigáveis.

— «Que têm? — perguntou Paulo correndo para êles.

Então, o lenhador com a voz entrecortada, disse-lhe que o vinham buscar. Êle era filho dum conde muito rico, que em tempos, por causa dumas brigas com o rei, haviam abandonado na floresta. Agora, morto o rei, e sabendo que Paulo não tinha morrido, o pai mandava-o buscar para ocupar o lugar que, de direito, lhe pertencia.

— «Vem, meu filho! (disse o fidalgo.)

Levar-te-ei a teu pai. Terás terras sem fim. Um palácio que contém todas as riquezas. Terás criados, cavalos, que sei eu! Não passarás frio nem fome. Não trabalharás mais.»

— «E meus pais, (interrompeu Paulo, indicando os velhinhos que choravam) — também vão?»

— «Não, meu filho. Lembra-te que és de sangue nobre e êles não. Mas sossega. Dar-lhe-emos dinheiro e não precisarão mais de trabalhar.»

Paulo sorriu e respondeu:

— «Podeis ir, senhor. Não abandonarei êstes velhinhos. Dizei a meu verdadeiro pai — que o é de nome mas não de coração — que fiquei na cabana. Nunca aban-

(Continua na página 7)

UM VAQUEIRO IMPROVISADO

POR MANUEL DA SILVA ROCHA FELGUEIRAS

Todos os nossos amiguinhos conhecem a história de D. Quixote, não é verdade? Já leram ou, pelo menos, ouviram contar as aventuras dessa figura herói-cômica que tomava os moinhos por gigantes e os rebanhos por exércitos.

Pois a história que vou contar, se não é muito parecida, tem, contudo, certa analogia com as aventuras daquele famigerado cavaleiro andante.

E para saberem que digo a verdade, ouçam todos:



Numa linda cidade portuguesa, morava um menino, com o nome de Pedro, que tinha certa predilecção pelas aventuras norte-americanas. Lia todos os livros de historietas que apanhava à mão, e, claro, versavam o assunto preferido. Além disso, via nos cinemas, com grande entusiasmo, as exhibições dos filmes chamados do «ar livre».

Gostos não se discutem, costuma-se dizer, mas o que era um gosto em Pedro

tornou-se uma mania e daí uma verdadeira doença.

Pedro queria, por força, ser o herói de uma dessas aventuras onde se vêem muitos tiros, correrias de cavalos e pancadaria de criar bicho.

O nosso valente vai para a aldeia com a família passar as férias e ali tanto magicou, tanto magicou, que resolveu pôr em prática a sua ideia.

E, assim, certa manhã, ainda o sol não era nascido, já ele, descalço para não acordar os paizinhos, saía de casa com alguns objectos debaixo do braço.

Cá fora, num telheiro, calçou as botas e pôs na cabeça um chapéu amolgado, à moda americana. A cinta prendeu dois pistóles muito ferrugentos e antigos, daqueles do tempo da Maria da Fonte, e que ele tirara de uma panóplia que o pai tinha no escritório.



Depois, foi buscar à estrebaria o burro do «Zé Leiteiro». Custou-lhe um pouquinho a montá-lo mas conseguiu-o ao fim de algum trabalho e vários trambulhões.

Pronto:—ali estava um vaqueiro um tanto autêntico e destemido. Contudo, Pedro tinha a impressão de que lhe faltava qualquer coisa.

Ah! E' verdade; era o laço... Podia lá haver um vaqueiro completo sem o laço.

A corda, onde a criada Virgínia estendia a roupa a enxugar, foi logo enrolada e dependurada na sela do cavalo... perdão, do burro.

Na estrada, junto de uma árvore, dormia um mendigo. Logo, à imaginação de Pedro, se afigurou que era um chefe de bandidos e que estava ali para roubar as cabras do senhor abade.

Apiando-se, de pistola em punho, deu no homenzinho um pontapé, que o acordou sobressaltadamente; mas, quando se preparava para fazer um discurso e con-

duzir ao «sheriff» o presumido bandido levou tão formidável sopapo que viu as estrelas ao meio-dia, a-pesar-de só serem sete horas da manhã.

Ao fim de algum tempo, lá se levantou conforme pôde e apalçou a cara no sítio dorido. Do burro e do mendigo nem sombras: tinham fugido cada um para o seu lado.

VÊ NA 7.ª PÁGINA:

Concurso de Palácios e Monumento

UM OBJECTO EXQUISITO

por GILBERTO FIGUEIRA

A criada, certo dia, deixou em cima da mesa, um objecto algo exquisito que a «todos» fez estranheza:

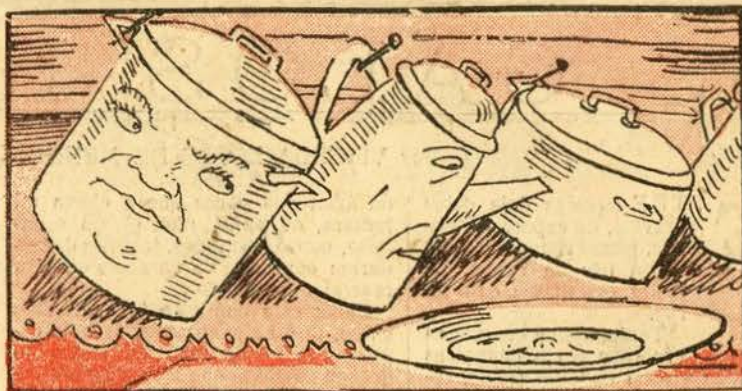


Uma espécie de tachinho de pequenês desmedida, todo cheio de furinhos, e de asa muito comprida.

— «Isto não presta p'ra nada! (sentenciou a panela.)

— Se lhe deitarem comida, podem procurar por ela!»

— «E' verdade! Isto não presta!» disse um tacho dos mais novos.



A cafeteira alvitrou:

— «E' talvez p'ra fritar ovos!»

— «Nada disso! Nada disso!

(diz o prato:) Não acharam!

Isto já foi assador

mas os buracos... minguaram!»

E o tal objecto exquisito, que ali ninguém conhecia, ao ouvir tais disparates, ria... ria... ria... ria...

Nisto, voltou a sopeira segurando um fervedor,



(Continua na página 7)



Deitou a correr pela estrada e, de súbito, numa volta, deparou-se-lhe a vaca da «Ana», a pastar, silenciosamente, a erva um pequeno prado. Pedro, armando-se do seu laço, atirou-o sobre o pobre animal que, sentindo-se preso, saiu através dos campos, arrastando consigo o improvisado «cow-boy».

Quanto tempo andou Pedro às turras com as pedras do caminho e a rebolar no chão, não o sabe ele dizer. Do que se lembra bem, é que quando a corda rebentou e ele, muito dorido, se levantava, encontrou na sua frente o pai, que lhe pregou uma grande tarefa, tirando-lhe para sempre o vício e a mania de querer ser «cow-boy».

pre o vício e a mania de querer ser «cow-boy».

Pedro cresceu e tornou-se um rapaz muito sensato e sossegado. Hoje lembra-se, muitas vezes, daquela formidável aventura, que terminou com um bom par de açóites.

OS GALOS RIVALS

Por VIRGÍNIA LOPES DE MENDONÇA

ENTRE aqueles dois galos bravios, de esporões afiados, penas vistosas e linda crista cõr de rubim, há muito, existia um ódio feroz.

Tanto, que a caseira os separava e em capoeiras diferentes viviam os dois rivais, rodeados das suas senhoras galinhas e das competentes ninhadas.

Mesmo de longe, se por acaso se avistavam, logo os seus olhos redon-

na água das poças que a chuva ali juntara, os perús num glúglú satisfeito, muito entufados, também desandaram em busca de caracóis ou erva tenrinha dos prados.

Entre esta confusão toda, os dois galos, mal se apanharam fora da capoeira, não mais pensaram senão no grande combate que há muito premeditavam. Bateram as asas, arrebitaram as cristas e estenderam os pescoços; depois, como um raio, um deles voltou sobre o outro, ameaçador, cheio de más intenções.

O galo rival, vingativo, defendia-se, ferrando-lhe, também, o bico, com toda a ferocidade, e ora para a frente, ora para trás, os dois não se largavam, brigando cada vez com mais fúria.

Tinham os olhos injectados, as penas e as cristas tintas de sangue, mas o combate prosseguia sempre até que a caseira, ao dar pelo estado lastimoso em que eles estavam, conseguiu afastá-los e meter o mais maltratado dentro da adega, cuja porta fechou, resmungando, mal humorada: — «Bichos malditos! Malvados!»

O galo, que ficara de fora, considerou-se vitorioso. O seu vencido rival já nem sequer podia aparecer à luz do dia!

Então, a-pesar das pernas trôpegas e doridas, da vista encadeada pelas dores que sofria, subiu, com muito custo a um monte de pedras, que ficava à altura duma janela, por onde entrou em casa do dono.

Alcançou, assim, as escadas que o levaram ao sótão e, num instante, se achou no telhado.

Ali, num vozeirão estridente, soltou o seu canto de vitória, triunfante, dominador:

— Cõ-cõ-rõ-cõ,
fui eu, eu só,

o vencedor
que, com ardor,
dando bicadas,
muito afiadas,
fiz num frangalho,
esse paspalho,
meu inimigo!
P'ra seu castigo,
está aleijado,
por ter ousado,
— esse malvado! —
neste incidente
fazer-me frente! —



dos se tornavam fixos, e bicavam nas redes, como se estivessem a bicar-se um ao outro, numa raiva encarniçada;

Sucedeu, certo dia, toda a criação ser posta em liberdade, porque as capoeiras precisavam grande limpeza.

Numa algazarra, os bichos espantavam-se, abrindo as asas, alegres por se verem ao ar livre.

E logo, cada qual, seguia o seu caminho, indo as senhoras galinhas com os pintos debicar nos montes de estrume, os patos marrecos chafurdar



Nisto, uma sombra escura toldou o céu. De repente, essa sombra, — um enorme milhafre, — baixou, lançou-se sobre o galo triunfador e, no seu bico possante, o levou pelos ares.

E foi este o triste fim
desse galo tão ruim
que se pôs a apregoar,
com ufania, a chamar,
de todos mais, a atenção
para a sua fela acção!

A FORMIGA MÁ

(Continuação da página 2)

Trabalhar mas de que forma?
— (Disse a pobre a soluçar) —
Se a doença não me deixa,
Nem a passo, caminhar?!...»

— «Não tenho nada com isso,
— (Torna-lhe a má com desdém.)
O que está em minha casa
É só meu; de mais ninguém.»

A pobre, com o seu peito
Cheio de mágoa sem par,
Foi-se dali, cabisbaixa,
Perdidamente a chorar.



Porém, as outras formigas,
Ao passarem a seu lado,
Foram logo, ligeirinhas,
Indagar do seu cuidado.

E ela contou, soluçando,
O que a má lhe tinha dito,
Tornando, com essas frases,
O seu viver mais aflito.

As outras, todas, tremendo
De furor e indignação,
Depois de darem à pobre
O seu carinho e seu pão,

Foram, sem perda de tempo,
A' casa da regateira,
E, com modos mais que irados,
Falaram desta maneira:

«Então tu não te envergonhas
De ter um tal proceder?»

Um objecto exquisito

(Continuação da página 4)

cheinho de leite quente,
que sobre a mēsa foi pôr...

Depois, trazendo uma chávena
no estranho objecto pegou
e, pousando-o no rebôrdô,
por êle o leite passou.

Era, pois, um coador
o tal objecto exquisito,
que, na mēsa da cozinha,
originara o conflito.

Quando a sopeira se foi,
dirigiu-se aos companheiros
e disse: — «Vocês, amigos
são uns brutinhos inteiros!

Pensaram que eu existia
sem utilidade ter!...
Nunca pensem cousas tais,
pois acabaram de ver

que, se não existisse eu,
a nata desagradável
iria dentro do leite,
o que era assás lamentável!

Agora, que amigos sômos,
servindo o mesmo senhor,
permitam que me apresente:
O meu nome é: — coador!»

O conceito dêste conto,
por certo mostrar-vos há-de
que mesmo as coisas estranhas
sempre têm utilidade...

Negar pão a quem não tinha
Nada já para comer?!

Não te envergonhas, acaso,
De praticar coisa tal?
Negar pão a quem tem fome
É um pecado mortal.

Devemos amar os pobres,
Não os tratar com desdém,
Pois que ser caritativa,
Não custa nada a ninguém.»

E puseram-se fazendo
Tão medonha surriada,
Que ela teve de fugir
Deveras envergonhada.

Mas nunca mais a pobreza
Ela tratou com desdém.
Fazer o bem, neste mundo,
Não custa nada a ninguém!



CONCURSO DOS PALÁCIOS E MONUMENTOS DE PORTUGAL



REFERÊNCIA AUXILIAR

Na segunda cidade do
país, ergue-se o monu-
mento que a gravura nos
apresenta.

É notável pela sua torre,
a mais alta de Portugal e
uma das mais notáveis da
Europa. Mede 75 metros
de altura desde o nível da
rua até à base do globo
metálico que sustenta a
cruz.

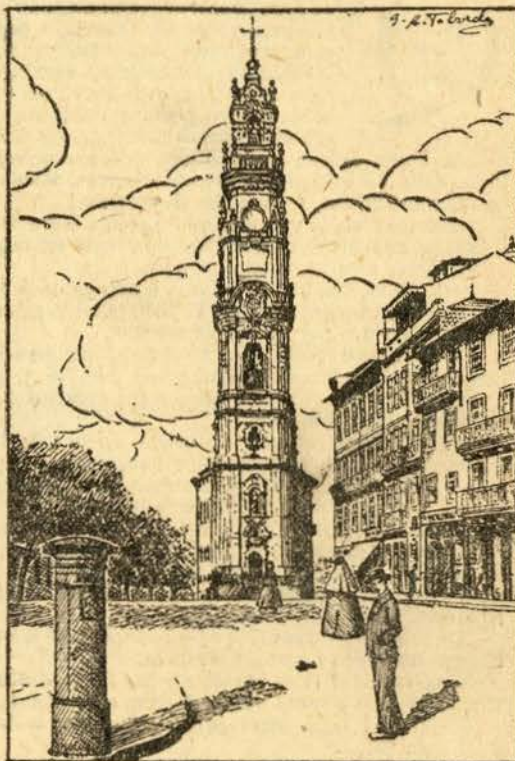
A construção da igreja
foi iniciada em 1732 e a
torre em 1748, obede-
cendo ao risco do arqui-
tecto italiano Nicolau
Nazoni. Em 1763 estavam
as obras concluídas.

Fundada por uma ir-
mandade de clérigos, foi
esta igreja sagrada pelo
então bispo da cidade D.
Frei João Rafael Men-
donça, em 12 de Dezembro
de 1779.

A torre é toda de can-
taria lavrada e está sól-
damente fixada a um
bloco de granito, o que a
permite resistir aos mais
violentos abalos sísmicos.
Vê-se do mar a 60 quiló-
metros de distância, ser-
vindo de guia àqueles que demandam
a barra.

É na capela-mór desta igreja, que se
encontra depositado o corpo de Santo
Inocêncio, mártir.

Anotação à referência anterior —
Onde se explica que o castelo junta-
mente com as muralhas é o único
espécimen de fortificação do século X
existente no Globo, queremos-nos
referir simplesmente a estas, visto o
castelo existente ser construção do



século XII e do reinado de D. Diniz.
As muralhas são de construção mou-
riscas, anterior à tomada da vila por
D. Afonso Henriques, como se de-
preende pela leitura.

NOTA.—No caso de os meninos jun-
tarem as referências aos desenhos pu-
blicados nesta anotação, devem acom-
panhar a de hoje como completa elu-
cidação dos concorrentes à anterior.

O FILHO DO LENHADOR

(Continuação da página 3)

donarei quem, sendo pobre, me salvou da morte e me criou com carinho. Que
amor posso eu ter a um homem que nunca vi, um homem que não hesitou
em abandonar-me na floresta cheia de lobos?! Não, meu senhor. Prefiro a
pobreza, nesta cabana, a todas as riquezas no palácio de meu pai. Dizei-lhe que
não pense em mim; que faça de conta que morri outrora na floresta...»

O fidalgo tentou convencer Paulo mas em vão. Por fim, montou no
cavalo e, juntando-se ao cortejo, deu ordem de marcha.

Chorando de felicidade, os dois velhinhos beijaram Paulo, e os três,
muito abraçados, viram a cavalgada desaparecer na floresta, sem pena da
riqueza que com ela se ia.

A felicidade de continuarem juntos, tinha para êles mais valôr do que
todas as riquezas da Terra.

A RITA DO OUTEIRO

Por ARMANDO VILELA MORAIS

QUE linda é a Rita!... O mais formoso botão de rosa desabrochando em todo o outeiro! O rosto redondo, fustigado por fios de ouro; os olhinhos, muito negros, mais pareciam dois carbúnculos, ateando o fogo roxo das faces; a boca, um morango, ainda pouco maduro, deixando ver, através da polpa, os lindos dentes de brilhante alvura. Tanta beleza num corpiço de onze anos! E, contudo, nada de vaidade! Quantas crianças, insignificantes ao lado da Ritinha, detestáveis de toleima!

! Outeiro fóra, lá vem ela, muito alegre e graciosa! Traz, à cabeça, uma trouxa de roupa, para lavar no regato.

— «Deus a salve, menina Antônia!...»

Esta, da mesma idade, vaidosa e arrogante, não correspondeu à saudação da Rita. E, voltando-lhe as costas, foi queixar-se à mãe por tal «atrevimento».

— «Ora, a atrevida! Não teve a audácia de se dirigir a uma fidalga! Eu lhe darei educação!...»

— «Filha, desgosta-me tanto a tua maneira de pensar! Que julgas da Ritinha?»

— «! A rapariga mais ordinária deste sítio! Não só é plebeia e boçal mas, também, pobretona e ignorante!»

— «! Pois queres saber, Antônia, qual a menina mais bonita e caridosa de todos estes lugares? A Rita! Se o perguntas a essa boa gente do povoado, ninguém hesitará em dizer, a ti mesma, a fidalguinha do Musgo:—! A Rita é o anjo cá da terra! Uma vergonha para ti... e para nós!»— e dos olhos da pobre senhora borbulhavam lágrimas.

Antônia, perturbada, pediu-lhe perdão e retirou-se. Porém, uma idéia torpe a assediava.

— «Ora esta! Em vez de me dar razão, ainda me censura! Sei bem quanto valho! A Rita, a melhor daqui?... É demais! Uma atrevida!... Não tem o descaro de falar comigo!...»

Assim pensando, dirigia-se, sôzinha, para a Quinta do Musgo, propriedade sua. Num atalho, ladeado de roseiras, encontrou-se com a Rita. Esta, sorrindo-lhe, exclamou:



— «Olá, menina Antônia! «Antão» vai a «passar»? »

A fidalguinha, não se contendo, deu-lhe duas bofetadas e sentenciou:

— «Espero que lhe fiquem de emenda! Ouviu? Lá por me ver fora de casa, e a pé, não me tome pelas da sua espécie!»

A Ritinha, desequilibrando-se com o embate, estatelou-se no solo, roçando o braço esquerdo pelas roseiras. Leves salpicos de sangue mancharam-lhe a blusinha de chita. Antônia, de olhos esgazeados ante a sua obra, fugiu espavorida. A Rita, sem que alguém a auxiliasse, levantou-se com grande esforço e lá foi para casa, tomando o mesmo rumo da fidalguinha.

Ao chegar à estrada, deparou-se-lhe uma cena horrível:—um toiro, trespalhado, perseguia Antônia. Então, num repente, arrancou o lenço vermelho da cabeça, procurando distrair o animal. Este, notando-a, estacou; rugiu e, como uma flecha, arremeteu contra ela.

A corajosa Rita atirou-lhe o lenço, saltando, logo após, para um galho de oliveira. Porém, o toiro, louco de raiva, arremessou-se contra a árvore. A planta, oscilando com a violência do choque, projectou a infeliz criança no solo. Mas o animal já não a perseguiu. Ficou imóvel, supondo-a morta.

Aquela intrépida moçoila, a Rita do Outeiro, assim livrou da morte a fidalguinha do Musgo.

Todos falavam do caso. Quiseram festejar tão grande heroína. E, num domingo de sol brilhante, ressoavam os morteiros a chamar a boa gente das cercanias.

Uma condecoração luzia no peito da Ritinha. E lá andava ela, muito alegre e donairoso, por entre a multidão que a enchia de mimos.

Antônia, arrependida, pediu-lhe perdão, ali mesmo nos arraiais. Então, um brado uníssono ecoou nos ares:

— «Viva a Rita do Outeiro! Viva a fidalguinha do Musgo!»

■ ■ ■ F I M ■ ■ ■

